

Formação inicial de professores e educadores: experiências em contexto português



ORGANIZADORES

Gabriela Portugal

Ana Isabel Andrade

Carlota Tomaz

Filomena Martins

Jorge Adelino Costa

Marlene Rocha Migueis

Rui Neves

Rui Marques Vieira

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Formação inicial de professores e educadores: experiências em contexto português

COMISSÃO ORGANIZADORA

Gabriela Portugal
Ana Isabel Andrade
Carlota Tomaz
Filomena Martins
Jorge Adelino Costa
Marlene Rocha Migueis
Rui Neves
Rui Marques Vieira

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alcina Figueiroa – Instituto Piaget
Amélia Marchão – Escola Superior de Educação de Portalegre
Ana Coelho – Escola Superior de Educação de Coimbra
Ana Isabel Andrade – Universidade de Aveiro
António Cachapuz – Universidade de Aveiro
António Moreira – Universidade de Aveiro
António Neto Mendes – Universidade de Aveiro
Bravo Nico – Universidade de Évora
Carlota Tomaz – Universidade de Aveiro
Clara Craveiro – Escola Superior de Educação Paula Frassinetti
Cristina Sá – Universidade de Aveiro
Deolinda Ribeiro – Escola Superior de Educação do Porto
Fátima Paixão – Escola Superior de Educação de Castelo Branco
Filomena Martins – Universidade de Aveiro
Francisco Sousa – Universidade de Açores
Gabriela Portugal – Universidade de Aveiro
Idália Sá-Chaves – Universidade de Aveiro
Isabel Alarcão – Universidade de Aveiro
Isabel P. Martins – Universidade de Aveiro
João Paulo Balula - Escola Superior de Educação de Viseu
Jorge Adelino Costa – Universidade de Aveiro
Leonor Santos – Escola Superior de Educação de Santarém
Luísa Alonso – Universidade do Minho
Luísa A. Pereira – Universidade de Aveiro
Maria do Céu Roldão – Universidade Católica
Maria Luísa Veiga – Escola Superior de Educação de Coimbra
Marlene Rocha Migueis – Universidade de Aveiro
Nilza Costa – Universidade de Aveiro
Paulo Brazão – Universidade de Madeira
Rui Marques Vieira – Universidade de Aveiro
Rui Neves – Universidade de Aveiro
Teresa Vasconcelos – Escola Superior de Educação de Lisboa

DESIGN

Sílvia Gomes, Esperança Martins, Maria João Pinheiro, Alexandra Ribeiro

EDITORIA

UA Editora

Universidade de Aveiro

Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia

1.^a edição – novembro de 2014

ISBN

978-972-789-428-4

CATALOGAÇÃO RECOMENDADA

Formação inicial de professores e educadores [Recurso eletrónico]: experiências em contexto português / org. Gabriela Portugal... [et al.]. - Aveiro: UA Editora, 2014. - 480 p.

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN 978-972-789-428-4

Formação inicial de professores // Investigação educacional // Conhecimento profissional // Prática pedagógica // Educação básica

CDU 371.13

Índice

Introdução e enquadramento

Introdução8

Ana Isabel Andrade

A formação de profissionais para a educação básica no contexto do ensino superior europeu.....18

Maria Pacheco Figueiredo

Eixo I - Formação nas áreas da docência e didáticas específicas

Trabalho experimental em contexto de prática de ensino supervisionada38

Alcina Figueiroa

Conceções e representações de crianças e de professores em formação acerca dos animais: das similaridades aos desafios colocados60

António Almeida, Conceição Lança, Carolina Gonçalves

A emergência do número fracionário no contexto da divisão de inteiros: um contributo para o conhecimento matemático de futuros professores dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico74

Graciosa Veloso

Compreender a abordagem didática da escrita pelo desenvolvimento da competência da escrita88

Inês Silva

Formação de professores a distância: as contribuições dos tutores virtuais nas discussões sobre o ensino da matemática nos anos iniciais da educação básica102

Luciane de Fatima Bertini, Cármen Lúcia Brancaglioni Passos

O conhecimento matemático dos estudantes no início da licenciatura em educação básica: um projeto envolvendo três escolas superiores de educação.....114

Lurdes Serrazina, Ana Barbosa; Ana Caseiro, António Ribeiro, Cecília Monteiro, Cristina Loureiro, Fátima Fernandes, Graciosa Veloso, Isabel Vale, Lina Fonseca, Luís Menezes, Margarida Rodrigues, Pedro Almeida, Teresa Pimentel, Tiago Tempera

Perceções de mestrandos na área de formação de professores sobre educação linguística.....133

Maria Cristina Vieira da Silva

Competencias desarrolladas por los futuros maestros mediante la creación de narraciones digitales149

Maria Esther del Moral Pérez, Laura Carlota Fernández García, Lourdes Villalustre Martínez

O património arqueológico como estratégia pedagógica para a construção de conhecimento histórico: um projeto de investigação-ação com alunos do Ensino Superior165

Glória Solé

Formação em educação em ciências focada no pensamento crítico187

Rui Marques Vieira

A expressão e educação motora – fundamentação, opções e estratégias na formação específica205

Rui Neves

A criatividade na expressão musical da criança: abordagens metodológicas contemporâneas para a Educação Básica215

Susana Maia Porto

Eixo II – Formação de educação geral e formação cultural, social e ética

Perceções dos alunos sobre a formação na Licenciatura em Educação Básica235

Adorinda Gonçalves, Maria José Rodrigues

Ciclo dos três aos oito anos na Educação Básica	257
<i>Ana Bela Ferreira</i>	
“Bolonha” enquanto agenda globalmente estruturada para a formação de professores: dilemas e perspectivas de uma profissionalidade docente hegemonizada	269
<i>Henrique Manuel Pereira Ramalho</i>	
Professores, formação e cidadania: entre concepções e práticas	283
<i>Ilda Freire-Ribeiro</i>	
Competências transversais: a construção do perfil profissional dos docentes de Educação Básica	301
<i>João Gouveia, Clara Craveiro, Alice Santos, Brigitte Silva, Carla Teixeira, Cecília Santos, Isabel Brandão, Marta Martins</i>	
Educação para o desenvolvimento integrada no currículo de formação inicial de professores: construindo caminhos de cidadania	321
<i>Teresa Gonçalves, La Salete Coelho, Nelson Dias</i>	
Eixo III – Formação e metodologias de investigação educacional e iniciação à prática profissional	
De alunos a educadores / professores: representações sobre a prática pedagógica supervisionada.....	337
<i>Carlota Tomaz, Filomena Martins</i>	
Relação entre espaços de educação formais e não formais. Uma estratégia na formação de professores para o Ensino Básico	359
<i>Fátima Paixão, Fátima Regina Jorge</i>	
Um espaço da cidade para educação não formal em Ciências e Matemática no Ensino Básico	371
<i>Fátima Paixão, Fátima Regina Jorge</i>	

Educação para o empreendedorismo: um projeto no âmbito da formação inicial de professores	381
<i>Lina Fonseca, Teresa Gonçalves, Ana Barbosa, Ana Peixoto, Gabriela Barbosa, Francisco Trábulo, Nelson Dias</i>	
A iniciação à prática profissional no curso de Educação Básica: uma reflexão sobre a experiência da Escola Superior de Educação de Viseu	397
<i>Luís Menezes, Maria Figueiredo, Cristina Gomes, João Paulo Balula, Anabela Novais, Esperança Ribeiro, Ana Isabel Silva, Susana Amarante, João Rocha, João Nunes, Carla Lacerda, Cátia Rodrigues</i>	
As ciências de base experimental – relato de vivências em contexto de estágio no 1.º CEB	413
<i>Margarida Susana Silva, Alcina Figueiroa</i>	
Representações dos alunos acerca da iniciação à prática profissional: um balanço após Bolonha	443
<i>Maria Angelina Sanches, Cristina Martins, Adorinda Gonçalves</i>	
Produção de conhecimento profissional específico? - diferentes perspetivas sobre a realização de investigação na formação inicial	461
<i>Maria Pacheco Figueiredo</i>	

EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO: UM PROJETO NO ÂMBITO DA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Lina Fonseca | linafonseca@ese.ipvvc.pt
Teresa Gonçalves | teresag@ese.ipvvc.pt
Ana Barbosa | anabarbosa@ese.ipvvc.pt
Ana Peixoto | anapeixoto@ese.ipvvc.pt
Gabriela Barbosa | gabriela.mmb@ese.ipvvc.pt
Francisco Trabulo | ftrabulo@ese.ipvvc.pt
Nelson Dias | nelson@ese.ipvvc.pt

Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Escola Superior de Educação

Resumo

Nos últimos tempos tem-se assistido a uma crescente sensibilização para os benefícios da aquisição de noções básicas de empreendedorismo para a sociedade em geral e para os próprios aprendentes, desde os primeiros anos de escolaridade. Este tema é central na agenda de educação da Comissão Europeia, havendo alguns países europeus que já definiram políticas globais de inserção do tema do empreendedorismo nos planos curriculares, desde o nível pré-escolar até ao ensino superior (Comissão Europeia, 2006).

A palavra empreendedorismo pode ter vários significados, mas, em sentido lato, designa a capacidade individual de transformar ideias em ações e inclui, entre outros aspetos, criatividade, inovação e iniciativa, planeamento e implementação de projetos na direção de objetivos desejados. Educar para o empreendedorismo é desenvolver capacidades empreendedoras, necessárias a qualquer cidadão que se pretenda ativo, participativo e crítico; estas capacidades podem ser promovidas em vários contextos, mas há um contexto por onde passam todas as crianças: a escola, que se torna assim espaço privilegiado para o desenvolvimento das suas capacidades.

Para que este desiderato seja alcançado, importa integrar nos cursos de formação de professores o tema do empreendedorismo, como já acontece nalguns países europeus e como é defendido no relatório da Comissão Europeia de novembro de 2011.

O projeto Educação para o Empreendedorismo na formação inicial de professores na ESE-IPVC insere-se num projeto mais vasto que integra igualmente a formação contínua de professores e que resulta da participação do IPVC na rede regional de apoio ao empreendedorismo do Alto Minho e de uma parceria estabelecida com a Comunidade Intermunicipal do Alto Minho e o Centro Educativo Alice Nabeiro. O objetivo é fomentar a apropriação social do espírito e cultura empreendedora pelas crianças do pré-escolar e 1.º e 2.º ciclos do ensino básico no distrito de Viana do Castelo através da exploração e adequação do manual “Ter ideias para mudar o mundo” (CEAN, 2009).

Descreve-se o primeiro ano de implementação do projeto desenvolvido na formação inicial de professores e apresentam-se dados de avaliação de duas vertentes: (1) conteúdos e metodologias na formação em Educação para o Empreendedorismo para futuros professores e (2) implementação da Educação para o Empreendedorismo em contexto de jardim-de-infância no âmbito da Iniciação à Prática Profissional de Mestrados profissionalizantes (dois estudos exploratórios).

Finalmente reflete-se sobre as implicações do estudo para a formação de professores e, em particular, para a integração desta temática na Iniciação à Prática Profissional.

Palavras-chave: Empreendedorismo, prática profissional, investigação, formação inicial de professores

Empreendedorismo

Ao longo das duas últimas décadas, tem-se assistido a uma redefinição do conceito de empreendedorismo para a qual tem contribuído a forte ação política nesta área desenvolvida no âmbito da Comunidade Europeia, envolvendo simultaneamente as áreas da Educação e Cultura e da Empresa e Indústria.

Inicialmente este tema surge na Europa, na década de 90, associado ao mundo empresarial, onde se identifica um hiato entre educação e as necessidades ligadas ao mundo do trabalho numa sociedade do conhecimento e da informação. Competências relativas à iniciativa, responsabilidade, flexibilidade, participação, criatividade e inovação são novas exigências colocadas aos cidadãos. Neste sentido, grupos como a *European Round Table of Industrialists* (ERT) propõem que a solução passa por direcionar a educação e formação para os desafios do futuro, numa sociedade em constante mudança (Pereira, Ferreira, & Figueiredo, 2007).

Na Cimeira de Lisboa, em 2000, os países da União Europeia definem que para alcançar o objetivo de tornar a Europa uma economia baseada no conhecimento, dinâmica e competitiva e simultaneamente atenta às dimensões sociais e de sustentabilidade do desenvolvimento, a via a privilegiar deve ser a da formação e qualificação dos cidadãos, no sentido de uma aprendizagem ao longo da vida. No referencial europeu de competências para a aprendizagem ao longo da vida, posteriormente elaborado, são definidas oito competências-chave, entre as quais se inclui a competência de empreendedorismo (Comissão Europeia, 2007). Estas competências essenciais deverão estar presentes no perfil do aluno quando termina a sua escolaridade obrigatória e constituem a base para um processo de aprendizagem contínuo, ao longo da vida.

Neste documento, o empreendedorismo é concetualizado na sua perspetiva mais ampla: “o espírito de iniciativa e o espírito empresarial referem-se à capacidade de os indivíduos passarem das ideias aos atos. Compreendem a criatividade, a inovação e a assunção de riscos, bem como, a capacidade de planejar e gerir projetos para alcançar objetivos” (Comissão Europeia, 2006, p. 11). Considera-se ainda que esta competência é útil aos indivíduos, na vida de todos os dias, em casa, na sociedade e no trabalho, porque os torna capazes de aproveitar as oportunidades. Por outro lado, esta competência constitui uma base para a aquisição de outras aptidões,

conhecimentos e valores éticos necessários a uma cidadania participativa e à atividade social e laboral dos cidadãos.

O que é agir de modo empreendedor? Como identificar as características de empreendedorismo? A identificação de pessoas que se destacaram pelo seu espírito empreendedor ajuda a clarificar estas questões. Florence Nightingale, Maria Montessori, Muhamad Yunus e Rui Nabeiro, entre muitos outros, partilham uma capacidade de atenção aos problemas da comunidade local ou global, uma postura proativa, uma atitude positiva e de confiança nas suas capacidades pessoais, que faz com que os reconheçamos como pessoas empreendedoras. Ryan Hreljac, um menino que, com apenas 6 anos, iniciou uma ação de ajuda humanitária, que ao longo dos anos permitiu levar água a milhares de africanos, é um outro exemplo de empreendedor.

Diferentes perspetivas de empreendedorismo

O modo como o empreendedorismo tem sido entendido ao longo dos tempos tem variado (Tapia & Ferreira, 2011). Inicialmente a tónica era colocada apenas no aspeto económico, na criação de empresas, no mundo dos negócios. Trata-se da perspetiva económica do empreendedorismo que tem em conta o papel que o empreendedor tem no desenvolvimento da economia de um país, de uma região, de um local, de uma organização ou empresa. Entende o empreendedor como alguém capaz de correr riscos em contexto de incerteza.

Posteriormente, um olhar mais focado no cidadão permitiu perceber a sua influência sobre o meio e as transformações que podem ocorrer por influência deste. A perspetiva social vê o empreendedor como um membro do sistema social, onde ambos se influenciam mutuamente. Considera a família como a unidade básica do sistema social e, neste sistema, determinados fatores sociais podem (des)encorajar um indivíduo a tornar-se empreendedor, seguindo o “exemplo” que recolheu da família ou do ambiente onde foi criado, tipo de empreendedor designado de “tal Pai tal Filho” (Hornaday, 1990) ou afastando-se completamente dele, tipo de empreendedor designado de “*off the farm*” (Collins & Collins, 1992). Decorrente do entendimento de que um indivíduo contém em si uma combinação única de características pessoais, valores e crenças surge a perspetiva idiossincrática, que realça o papel que as características de personalidade jogam no processo de empreender. A exemplo destas características indica-se a iniciativa, a assertividade, o compromisso com os outros, a inovação, a tolerância à ambiguidade, a visão (Deakins & Freel, 2009;

McClelland, 1965). Na confluência destas três perspectivas nasce a perspectiva integracionista que defende que aspetos individuais, sociais e ambientais em que o indivíduo está imerso concorrem para o “nascimento” de um empreendedor, entendido como alguém que procura sempre a mudança, lhe responde e a explora como uma oportunidade (Drucker, 1986).

Genericamente, estas diferentes abordagens vão dar origem a duas conceções distintas sobre empreendedorismo: uma conceção mais estrita ligada à preparação dos alunos para o mundo do trabalho e do negócio e uma conceção mais lata, em que o empreendedorismo é entendido como um conjunto de competências que integram conhecimentos, aptidões e atitudes aplicáveis a todas as áreas de vida da pessoa.

Educação para o empreendedorismo

Em coerência com uma definição mais ampla de empreendedorismo – transformar ideias em ações - quando se fala em educação para o empreendedorismo, não se pretende significar a preparação de futuros empresários, mas tão-somente o desenvolvimento, em todas as crianças, de capacidades empreendedoras, capacidades consideradas necessárias a qualquer cidadão que se pretenda ativo, participativo e crítico, numa sociedade em contínua evolução. Educação para o empreendedorismo refere-se ao desenvolvimento da capacidade para agir de modo empreendedor. Neste entendimento sobrevalorizam-se as atitudes e os comportamentos relativamente aos conhecimentos sobre modos de gerir um negócio.

Educar para o empreendedorismo concretiza-se pelo desenvolvimento de uma cultura *através do empreendedorismo, para o empreendedorismo e sobre o empreendedorismo*. É esta perspectiva que

“dá suporte a todos no seu dia-a-dia, tanto em casa como em sociedade, torna os funcionários mais conscientes do seu trabalho e mais capazes de aproveitar as oportunidades, e fornece uma base para os empresários, que desenvolvam uma atividade social ou comercial” (European Commission, 2011, p. 2) (tradução livre)

A opção pela educação para o empreendedorismo tem implicações nas abordagens educativas, visto que as capacidades empreendedoras dificilmente se desenvolvem através de um ensino e aprendizagem em que o aluno seja passivo e as tarefas rotineiras. São necessários ambientes de aprendizagem dinâmicos, onde o aluno seja confrontado com propostas/tarefas desafiadoras de modo a ser ativo, reflexivo, crítico,

proativo, sendo desejável a realização de experiências em contextos variados, que implicam a partilha e discussão de diferentes ideias emergentes.

Competências empreendedoras

As competências empreendedoras envolvem conhecimentos (como por exemplo, capacidade de conhecer oportunidades e desafios), aptidões (gestão dinâmica de projetos, trabalho em equipa, comunicação) e atitudes (iniciativa, independência, motivação, entre outras).

As competências empreendedoras das crianças podem realmente desenvolver-se em vários contextos. Desde logo o contexto familiar, o primeiro onde se pode iniciar esse desenvolvimento. Depois o contexto escolar, espaço por excelência mais democrático ao nível das experiências e saberes que proporciona aos alunos. Com efeito, nem todos os contextos familiares permitem à criança aceder a aspetos científicos, culturais, desportivos e sociais ricos e diversificados, que se instauram como fundamentais para um desenvolvimento mais justo e harmonioso. Nesta perspetiva, a escola configura-se como o local onde idealmente pode ocorrer o desenvolvimento de uma cidadania plena e crítica, o espaço privilegiado para o desenvolvimento das competências empreendedoras de todos os alunos, como é defendido pela Comissão Europeia (European Commission, 2011) e como foi opção para a realização deste projeto.

De que se fala quando se fala em competências empreendedoras?

De acordo com a literatura (e.g., Costa, Frankus, Leal, & Steffen, 2008; TMA, 2011; Unctad, 2012) as competências empreendedoras podem ser entendidas segundo duas vertentes: competências técnicas (*hard skills*) e competências pessoais (*soft skills*).

As primeiras, relacionadas com o conhecimento, podem desenvolver-se em contextos formais, tanto contextos de aprendizagem como profissionais. Podem ser avaliadas com facilidade, por exemplo, através de um teste ou de uma prova prática, tal como a capacidade de usar uma aplicação informática, um computador, fazer um bolo, conduzir um automóvel ou falar uma língua estrangeira.

As segundas relacionam-se com atitudes e aptidões das pessoas na sua interação com os outros. Não são fáceis de desenvolver nem de avaliar. Identificam-se pessoas que parecem possuir fortes *soft skills* pela sua capacidade de trabalhar efetivamente com os outros. Incluem a capacidade de comunicar, de persuadir, de resolver conflitos

e negociar, de resolver problemas criativamente, de trabalhar em equipa e sobre pressão, de ser autoconfiante, flexível e de se adaptar a novas situações, de gerir adequadamente o tempo (definindo prioridades, desenvolvendo vários projetos em simultâneo, tomando decisões atempadamente), de manter uma atitude positiva (otimismo, perseverança, persistência, resiliência), de gerar energia positiva no grupo de trabalho, de aceitar as críticas, de analisar e aprender com os erros, entre muitos outros aspetos (OCDE, 2005).

Segundo Wang (2012), para responder às exigências da sociedade do conhecimento não basta às escolas continuar um trabalho apenas centrado em diferentes disciplinas e focado quase exclusivamente em conteúdos declarativos. É necessário encontrar estratégias mais efetivas de ensino do que as que têm sido utilizadas, de modo a desenvolver nos alunos, desde o pré-escolar até ao ensino superior, para além dos seus conhecimentos de conteúdos, os *soft skills*. Sugere que este desenvolvimento se faça através de jogos, de projetos que encorajem o trabalho de grupo, a liderança e a comunicação entre todos os intervenientes. A autora acrescenta que “Como ninguém tem conhecimento suficiente acerca do modo de o conseguir [desenvolver *soft skills*], o trabalho colaborativo entre os professores, através da exploração e experimentação, é uma necessidade” (p. 40) que, como formadores de professores, reputamos de absolutamente inadiável.

Formação de professores para o empreendedorismo

Os desafios que se colocam à escola do séc. XXI implicam necessariamente a reflexão sobre a educação, que se torna desiderato da sociedade, em particular de todos os envolvidos na formação de professores. De que professores precisamos para o séc. XXI? Que professores podem criar ambientes de ensino potenciadores de *soft skills* nas crianças e alunos? Que conhecimentos e capacidades necessitam possuir estes professores?

A mobilidade dos cidadãos que se afigura cada vez mais concreta, a miríade de comunicações que se estabelece entre quaisquer dois pontos do globo, a informação que circula instantaneamente e que é necessário interpretar, requerem o desenvolvimento de conhecimentos e capacidades que permitam aos cidadãos diversificar conhecimentos (Delors, 1996).

A União Europeia no Livro Verde (EU, 2003) realça a necessidade das escolas desenvolverem o empreendedorismo e coloca-lhes diretamente esse desafio. Para o enfrentar é necessária uma reflexão sobre a formação inicial e contínua de

professores que, de acordo com Wang (2012), necessita de se adequar às novas realidades e solicitações.

Para que esta formação se realize é necessário pensar a dois níveis: ao nível dos objetivos de aprendizagem, introduzindo nos currículos os objetivos transversais ligados às competências de empreendedorismo, em vez de constituir um objetivo ligado apenas a uma área ou disciplina, e também ao nível das abordagens pedagógicas, uma vez que a aquisição de competências para transformar ideias em ações exige metodologias que promovem o envolvimento ativo dos alunos e oportunidades práticas em contextos reais.

Segundo o relatório da Comissão Europeia (European Commission, 2011) apenas uma minoria das instituições europeias de formação de professores incorpora esta temática nos currículos de formação inicial, sendo a sua oferta opcional a situação mais frequente. No entanto, na Agenda de Budapeste “Capacitando os professores para a Educação para o Empreendedorismo”, disponível no referido relatório, recomenda-se a sua integração como módulo obrigatório na formação inicial de professores. Neste mesmo documento, são consideradas boas práticas ao nível do currículo e da pedagogia nos cursos de formação inicial de professores: recorrer aos mesmos métodos práticos (aprendizagem ativa, experiências práticas) que os professores irão utilizar com os seus alunos; assegurar a continuidade entre a formação e as experiências de estágio em escolas; aceder a tarefas reais explorando as relações com a comunidade local (empresas, autoridades locais, terceiro setor); proporcionar estágios de professores em empresas e comunicação com empresários.

A formação na área do empreendedorismo deve contar com o trabalho em equipa, na sala de aula, na escola, na comunidade local e a nível nacional ou internacional (Pereira *et al.*, 2007).

Espera-se que o professor empreendedor possa revelar características tais como a responsabilidade, a flexibilidade, a confiança e uma atitude positiva em relação ao seu trabalho, o pensamento divergente, a mente aberta para acolher opiniões de outras entidades, o focar-se na ação, a capacidade de trabalhar em grupo e de estabelecer ligações com outros intervenientes da comunidade (European Commission, 2011). Estas características parecem apontar, no dizer da Comissão Europeia, para o “professor perfeito”, mas a construção desta utopia mostra a necessidade de refletir profundamente sobre a formação de professores. Apoios para o desenvolvimento destes professores são necessários: qualidade da formação inicial e contínua, apoio das direções das escolas/agrupamentos e dos parceiros da comunidade envolvente.

Provavelmente a maioria dos professores das escolas portuguesas não tem formação na área do empreendedorismo. Esta formação sobre o empreendedorismo pode ser desenvolvida em cursos de carácter facultativo ou opcional, tanto no âmbito da formação inicial como da formação contínua. No entanto, de acordo com a União Europeia, a formação sobre empreendedorismo seria enriquecida se se adotasse uma metodologia de trabalho que permitisse aliar aquisição de conhecimentos sobre empreendedorismo, com a formação através do empreendedorismo, para que envolvendo-se no desenvolvimento e concretização das suas ideias e projetos os (futuros) professores pudessem desenvolver os seus *soft skills*. A metodologia a adotar deve poder ser replicada também com crianças e alunos, desde o pré-escolar até ao ensino superior (European Commission, 2011).

Projeto

O Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC) integra a rede regional de apoio ao empreendedorismo do Alto Minho que, entre outros parceiros, agrega a Comunidade Intermunicipal do Alto-Minho (CIM). Uma das vertentes da rede é a educação para o empreendedorismo visando a disseminação da cultura empreendedora junto de escolas dos vários níveis de ensino do distrito, desde o pré-escolar ao ensino superior.

Nesta linha de ação e defendendo a ideia de uma escola pública, exigente e de qualidade, o IPVC, a CIM e o Centro Educativo Alice Nabeiro (CEAN) uniram esforços com o objetivo de fomentar a apropriação social do espírito e cultura empreendedora pelas crianças que frequentam os jardins-de-infância e as escolas do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico no distrito de Viana do Castelo.

Para que as crianças possam desenvolver na escola as suas capacidades empreendedoras há necessidade absoluta de contar com professores com formação na área e por isso importa refletir sobre a formação de professores, de modo a integrar o tema do empreendedorismo nos currículos da formação inicial e contínua de professores, tal como já acontece em muitos países europeus.

Surge assim o projeto *Empreendedorismo para crianças dos 3 aos 12 anos*. No âmbito do IPVC, o projeto é da responsabilidade de professores da Escola Superior de Educação (ESE-IPVC) e foi subdividido em dois subprojetos: (i) um projeto piloto intensivo, desenvolvido no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada de cursos de mestrado profissionalizantes da ESE-IPVC, com a finalidade de introduzir o tema do empreendedorismo junto de crianças de jardim-de-infância do concelho de Viana do Castelo; (ii) um projeto de formação em Empreendedorismo desenvolvido no âmbito

da formação contínua de professores, envolvendo professores de todos os concelhos do distrito de Viana do Castelo, dos três níveis de ensino: Pré-Escolar, 1.º e 2.º ciclos do EB.

Conteúdos e metodologias na formação da Educação para o Empreendedorismo

No sentido de responder ao desafio colocado às instituições de formação de professores pela Comissão Europeia a fim de integrarem o tema do empreendedorismo nos planos de estudo, tanto em unidades curriculares obrigatórias como opcionais, neste projeto foram integrados na equipa de formadores para além de professores da ESE-IPVC de diferentes especialidades (Ciências da Natureza, Expressões Artísticas, Matemática, Português e Psicologia), seis estudantes dos cursos de mestrado que conferem habilitação profissional para a docência na Educação Pré-Escolar, na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º ciclo do Ensino Básico, e no Ensino do 1.º e do 2.º Ciclos do Ensino Básico.

Devido à distância entre o CEAN e a instituição formadora para a concretização deste projeto foi necessário fazer formação sobre empreendedorismo aos formadores. Esta formação ficou a cargo dos docentes e profissionais do CEAN, muito experientes na área do empreendedorismo. O conteúdo da formação incidiu sobre as áreas do conhecimento empreendedor. Os formandos, futuros formadores, foram desafiados a percorrer os mesmos passos que se espera os educadores e professores do 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico e as crianças das escolas possam também vivenciar. Esta opção segue proximamente a Agenda de Budapeste (European Commission, 2011) que defende que “o desenvolvimento de atitudes e capacidades empreendedoras nos professores requer a utilização da mesma metodologia que se espera venham a usar com os seus alunos” (p. 23).

Na globalidade do projeto foi utilizado como material base o Manual “*Ter ideias para mudar o mundo. Manual para treinar o empreendedorismo em crianças dos 3 aos 12 anos*” (CEAN, 2009), criado e experimentado pela equipa do CEAN, adaptando as propostas ao novo contexto do distrito de Viana do Castelo, na formação da equipa de formadores, na formação contínua dos professores e na formação das crianças das escolas do distrito. Pretendemos desenvolver as características empreendedoras dos futuros professores de modo a que possam vir a contribuir para “educar/formar jovens com a paixão de criar, crescer e aprender” (European Commission, 2011, p. 8).

No manual são apresentadas doze áreas de conhecimento empreendedor e propostas atividades para a sua aquisição, organizadas em função dos diferentes níveis de ensino: pré-escolar, 1.º ciclo do EB e 2.º ciclo do EB. As áreas de conhecimento, ligadas às *soft skills*, são as seguintes: *Estimular ideias; Partilhar de ideias; O que quero fazer?; Os estados de espírito; Aprender a escutar as pessoas; Aprender a transmitir o projeto; Aprender a trabalhar com os colaboradores; Descobrir necessidades para fazer ofertas; Protótipos para partilhar o projeto; Rede de colaboradores; Ciclos de trabalho; Sem liderança não há projeto.*

Estudo Piloto

No sentido de experimentar um trabalho desta natureza – desenvolver em crianças as suas capacidades empreendedoras – e de analisar e refletir sobre a adequação das propostas do Manual às crianças do distrito de Viana do Castelo, foi desenvolvido um estudo exploratório que teve por objetivos: (a) desenvolver *soft skills* dos futuros professores; (b) desafiar os futuros professores a criar ambientes de aprendizagem de modo a permitir o contacto das crianças com o empreendedorismo; (c) implementar o Manual em contexto de jardim-de-infância, adaptando as propostas aos contextos reais; (d) analisar o envolvimento das crianças nos desafios, pretendendo perceber, entre outros aspetos: Como partilham ideias? Como resolvem problemas? Como procuram colaboradores? Como reagem e ultrapassam obstáculos?

O estudo exploratório foi desenvolvido em dois contextos de jardim-de-infância (JI) no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada I, do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e a exploração no contexto real ficou a cargo de duas mestrandas do curso, que tinham integrado a equipa de formadores, e dos respetivos pares pedagógicos.

A intervenção decorreu durante 12 semanas consecutivas. As crianças do JI situado em contexto rural tinham 3, 4 e 5 anos, tendo metade das crianças 3 anos, e no JI em contexto urbano tinham 4 e 5 anos. O procedimento adotado foi o de trabalhar as áreas do conhecimento empreendedor, tratadas no Manual, adequando ao novo contexto e circunstâncias sempre que considerado necessário.

A preparação das intervenções esteve a cargo da professora responsável pela unidade curricular referida e das mestrandas envolvidas, que organizaram os trabalhos num ciclo desenvolvido em três fases: 1) reunião semanal para análise das propostas do Manual e decisão sobre as adaptações consideradas necessárias aos contextos, 2) implementação e 3) reflexão sobre a implementação, tentando identificar

pontos fortes e pontos fracos da intervenção, perspectivando-se ação futura. Este ciclo manteve-se ao longo das doze semanas de intervenção.

Ilustra-se a intervenção com exemplos do JI em contexto urbano.

O desenvolvimento do projeto começou com a leitura de uma história que serve de motivação para a tomada de consciência sobre os sonhos individuais. Questionados sobre os seus próprios sonhos, as crianças manifestaram-nos e representaram-nos em desenhos.



Figura 1: Desenhos dos sonhos das crianças.

Foram várias as ideias explicitadas, das quais se destaca: “Fazermos uma exposição com os desenhos [das crianças]” (M); “[Fazermos] Flores grandes para decorar [a exposição]” (I); “Construir animais grandes [3D]” (BG); “Fazer joaninhas para pôr nas flores” (B); “[Fazer] molduras para os desenhos” (D). Depois de partilhadas estas ideias, e das crianças naturalmente se terem apercebido de que alguns dos “sonhos” eram parecidos e por isso se poderiam agregar, a decisão final foi tomada: “Fazer a exposição com os desenhos e trabalhos de todos os meninos, molduras com material de desperdício. Fazer um animal grande um leão e flores para decorar a exposição”.

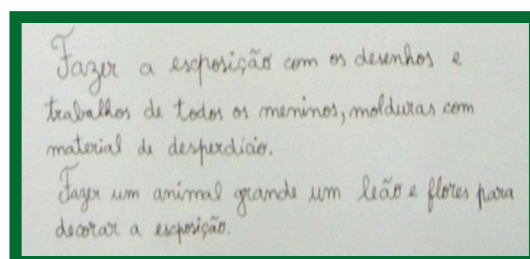


Figura 2: Ideia final das crianças.

Apesar das ideias terem sido apresentadas por diferentes crianças quando se passa à ação, todas as crianças colaboram em todos os projetos. Quem apresentou a ideia será o(a) líder do projeto, mas este não se concretiza sem colaboradores. Tiveram de decidir por qual projeto começar. Optaram pela construção do animal grande: um leão.

Construir um leão “grande” como desejavam era um problema. Como resolver este problema? (identificação de necessidades) Algumas questões tinham de ser respondidas: como é, exatamente, um leão? Para decidir “quão grande” era necessário obter informações: Quais as dimensões de um leão? Como são as pernas: são finas? São grossas? São altas? São baixas? Como são as patas? De que material precisamos para construir o leão? De quanto: para o corpo? Para a cabeça? Para as pernas? Para a cauda? Para a juba?

As respostas a estas questões exigiram conhecimentos e estes conhecimentos tiveram que ser obtidos pelas crianças através da consulta de livros, na sala e na biblioteca, da família, da *internet*. Sem conhecimento não existe projeto empreendedor que possa ser bem-sucedido. Conhecimento é aspeto central do empreendedorismo.

Depois da resposta às questões anteriores, outras surgiam: “Quem nos pode ajudar [a obter o que necessitamos]?”. Um aspeto fundamental num projeto é a procura de colaboradores, isto é, todos aqueles que podem ajudar a concretizar o projeto. As crianças não tiveram dificuldade em indicar pais, avós, professoras e outros amigos como essenciais para resolverem o problema. “O que fazemos primeiro? E a seguir?”, isto é, a definição dos ciclos de trabalho foi outro dos aspetos discutidos com as crianças que tomaram, em conjunto, as decisões necessárias, discutindo entre si sobre diferentes aspetos como se ilustra na Figura 3.



Figura 3: Construção do leão – tomada de decisão sobre altura e localização das patas.

A estrutura do corpo do leão foi iniciada, as patas foram construídas e pintadas, decisões difíceis foram tomadas, como, por exemplo, a relativa à construção da juba, soluções alternativas foram encontradas, sem que qualquer criança manifestasse enfado ou vontade de desistir. Alguém sugeriu “posso cortar o pelo do meu cão”, mas tal não foi necessário. Outro material foi utilizado e no final o leão ficou concluído para a exposição, tendo o seu nome sido escolhido por todas as crianças: Juba. O seu estrabismo foi também opção das crianças, que consideraram “assim fica mais giro”.

As crianças tiveram a capacidade de transformar as suas ideias em ações.



Figura 4: O Juba.

Ao longo deste percurso, sempre que o desenrolar dos acontecimentos corria menos bem, foi necessário perceber porquê, para procurar caminhos alternativos e outros modos de continuar. Os ciclos de trabalho definidos foram fechados e por isso, no final, foi realizada a exposição que tinha sido projetada e onde o Juba foi figura central.

Reflexões finais

A avaliação desta experiência piloto mostrou que: (a) os futuros professores envolvidos no projeto manifestaram ter desenvolvido capacidades empreendedoras, como por exemplo, trabalhar em equipa e sob pressão, gerir o tempo, ser flexível e adaptar-se a novas situações, manter atitude positiva (otimismo, perseverança, persistência, resiliência), analisar e aprender com os erros; (b) é possível criar ambientes de aprendizagem desafiadores para as crianças do jardim-de-infância desenvolverem *soft skills*; (c) as crianças resolveram problemas específicos que elas próprias colocaram; (d) para resolverem os problemas, as crianças começaram a desenvolver as suas capacidades empreendedoras, tais como a de expor as suas

próprias ideias, integrar ideias e sugestões dos outros, cooperar com os colegas para atingir um objetivo comum), listar necessidades, procurar conhecimento, encarar as falhas/erros, revelar boa atitude perante os desafios, estar sempre motivado, nunca desistir. Permaneceram na tarefa até ao final para poderem concluir o trabalho e fechar os ciclos de trabalho previamente definidos.

Verificou-se que as crianças podem ser criativas, empreendedoras e estar sempre motivadas na concretização dos seus sonhos/das suas ideias! Apenas precisam de ter essa oportunidade e para isso os professores, também eles empreendedores, são essenciais.

O desenvolvimento deste projeto tem implicações para a formação inicial de professores. Em primeiro lugar, do ponto de vista do currículo, torna-se necessário pensar as diversas alternativas para a integração desta temática. Tem sido defendida a vantagem da integração da educação para o empreendedorismo no currículo, não como tema opcional mas de modo transversal a várias componentes da formação e em ligação direta com as experiências de ensino em contexto real. O nosso projeto-piloto contemplou todos estes aspetos, sendo agora necessário analisar e refletir sobre o modo de generalizar o tema do empreendedorismo à formação de professores na nossa instituição.

Em segundo lugar, consideramos que é de realçar a aquisição das competências empreendedoras pelos próprios estudantes, isto é, como parte integrante da sua formação pessoal e da sua formação profissional. Desejamos que os educadores e professores sejam cidadãos participativos na sua comunidade, com uma forte sensibilidade social e orientando-se por princípios éticos, tanto na sua vida pessoal e social como na profissional.

Em terceiro lugar, tal como tem vindo a ser defendido, o presente projeto evidenciou as vantagens de fazer a formação de professores nesta área utilizando as mesmas abordagens a desenvolver com as crianças, nomeadamente, as metodologias ativas, o trabalho de projeto e o trabalho colaborativo.

“Ter ideias para mudar o mundo” foi a definição de empreendedorismo proposta por uma criança de 9 anos do CEAN. Não constitui este um bom repto para o trabalho na área da educação e da formação de professores que tenha por objetivo explorar, de modo não pontual, a temática do empreendedorismo?

Referências bibliográficas

- CEAN (2009). *Ter ideias para mudar o mundo. Manual para treinar o empreendedorismo em crianças dos 3 aos 12 anos*. Campo Maior: Associação Coração Delta.
- Collins, J., & Collins, M. (1992). *Beyond Entrepreneurship: Turning Your Business into an Enduring Great Company*. New York: Prentice-Hall.
- Comissão Europeia (2006). *Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem*. Bruxelas: Comissão Europeia.
- Comissão Europeia (2007). *Competências-chave para a Aprendizagem ao Longo da Vida – Quadro de Referência Europeu*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- Costa, P., Frankus, E., Leal, A., & Steffen, F (2008). Promoting entrepreneurial Cultura in Adult Education. *Report on a European initiative to foster entrepreneurial mindsets*. Disponível em <http://ec.europa.eu/> (acedido em setembro de 2012).
- Deakins, D., & Freel, M. (2009). *Entrepreneurship and Small Firms*. London: McGraw Hill Higher Education.
- Delors, J. (1996). *Educação um tesouro a descobrir*. Porto: Edições ASA.
- Drucker, P. (1986). *Inovação e espírito empreendedor. Prática e Princípios*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- EU (2003). *Livro Verde – Espírito Empresarial na Europa*. Bruxelas: Publicações DG Empresa. Disponível em http://ec.europa.eu/enterprise/entrepreneurship/support_measures/training_education/doc/entrepreneurial_culture_pt.pdf
- European Commission (2011). *Entrepreneurship Education: Enabling Teachers as a Critical Success Factor. A report on Teacher Education and Training to prepare teachers for the challenge of entrepreneurship education*. Brussels: Entrepreneurship Unit Directorate-General for Enterprise and Industry.
- Hornaday, R. (1990). Dropping the e-words from small business research: an alternative typology. *Journal of Small Business Management*, 28(4), 22-33.
- McClelland, D. C. (1965). Achievement and Entrepreneurship. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1(4), 389-392.
- OCDE (2005). *The definition and selection of key competences: Executive summary*. Paris: OCDE.
- Pereira, M., Ferreira, J., & Figueiredo, I. (2007). *Guião “Promoção do Empreendedorismo na Escola”*. Lisboa: ME-DGIDC.
- Tapia, A., & Ferreira, J. S. (2011). *Competências Empreendedoras*. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional.
- TMA (2011). *Youth Entrepreneurship Strategies (YES)” Project Entrepreneurship Education in Ireland — Research Mapping and Analysis*. Final report submitted to the South-East Regional Authority.
- UNCTAD (2012). *Entrepreneurship Policy Framework and Implementation Guidance*. New York and Geneva: United Nations. Disponível em www.unctad.org (acedido em setembro de 2012).
- Wang, Y. (2012). *Education in a changing world: Flexibility, Skills and Employability*. Washington: The World Bank.

